



A EDUCAÇÃO INFANTIL E A FAMÍLIA

Ana Paula Néia*

Marion Machado Cunha**

RESUMO

Este artigo tem a finalidade de discutir a integração escola e família na perspectiva da Educação Infantil que compreende de zero até cinco anos. Para isso, pautou-se na linha da pesquisa qualitativa de caráter histórico-dialético, na perspectiva do Estudo de Caso. Os principais conceitos organizadores desta pesquisa são: trabalho, classe social e educação. Concluiu-se que a escola e a família são instituições produzidas historicamente, o que impõe questões merecedoras de reflexão a partir dos sujeitos que as efetivam e de como são afetados pela exploração do capital/trabalho.

Palavras-chave: Trabalho. Educação Infantil. Família. Estudo de Caso. Marx.

1 INTRODUÇÃO

Neste anseio, problematizou-se conhecer as relações e movimentos produzidos pela escola e pela família quanto ao aspecto de seus papéis específicos e de suas unidades quando apontamos para integração. Neste sentido, os objetivos se fundamentaram em analisar a interação da família com a escola, considerando seu papel e interesse; analisar a interação da escola com a família considerando também, seu papel e interesse; interpretar a relação da família com a escola utilizando da efetiva participação conjunta das instituições, e analisar como o professor se compromete na integração família/escola, no processo de proporcionar

* Acadêmica do 7º Semestre do Curso de Pedagogia, Faculdade de Educação e Linguagem da UNEMAT - *Campus* Universitário de Sinop. Pertence ao Grupo de Orientação do professor Marion Machado Cunha do *Campus* Universitário de Sinop.

** Graduado em História pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Imaculada Conceição. Mestrado em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Doutor pela Faculdade de Educação (FACED) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professor concursado em Metodologia Científica do *Campus* Universitário de Sinop.

pedagogicamente um ambiente favorável de estímulos ao desenvolvimento e formação da criança pequena.

2 ESCOLA E FAMÍLIA: primeiras aproximações

Neste artigo faremos uma síntese de como podemos observar no contexto histórico, o conceito de família e de que maneiras ele vem se transformando e continuará sujeito a mudanças, o que cerne a relação educacional entre a escola, a família e suas aproximações e ainda, como se projetou a educação infantil a partir deste contexto.

Na Idade Média, adultos e crianças tinham as mesmas vivências, bastava à criança ter o mínimo de autonomia e já realizava tarefas, seu aprendizado se dava através da observação e convivência nos espaços dos adultos; as meninas aprendiam os cuidados com o lar, serem boas esposas e mães; os meninos aprendiam a trabalhar, pois o homem era o provedor do sustento da família, e acesso a instrução era apenas para quem fazia parte da nobreza.

Os termos criança e infância não existiam até o século XVI, como afirma Neil Postman em seu livro **O desaparecimento da infância** (2009, p. 34): “é obvio que uma idéia como a de infância se concretize é preciso que haja uma mudança no mundo adulto [...]”. Aos sete anos a criança pequena era bruscamente jogada no mundo adulto tendo que assumir responsabilidades mesmo sem ter maturidade para certas novidades, como casar-se cedo e constituir suas famílias.

No século XVIII, no período de 1730 a 1779, o alemão Gutenberg em Mongúcia inventou a Máquina Tipográfica, como bem expressa Postman (1999, p. 33), que “[...] com o auxílio de uma velha prensa usada no fabrico de vinho, fez nascer a infância”. A partir dessa invenção surge uma nova forma de comunicação; apesar de imperar o índice de analfabetismo, na Europa existia um grande acervo de textos importantes elaborados em manuscritos que aguardavam serem impressos, pois dominavam a escrita a mais de dois mil anos. Ainda que na época, eram poucos os que dominavam a leitura e a escrita, havia copistas que ensinavam para outros suas habilidades.

Baseado nestes termos surge à imprensa que conforme o mesmo autor (1999, p. 32) “com o surgimento da imprensa e da alfabetização socializada. A imprensa criou uma nova definição de idade adulta baseada na competência de leitura, e conseqüentemente uma nova concepção de infância baseada na incompetência de leitura”.

Neste divisor de águas de antes da concepção de infância à depois de se conceber a infância, apenas era considerado adulto aquele que dominasse a leitura e escrita, o que

colocava assim, as crianças, idosos e muitos adultos não letrados na condição de criança. Nestas condições as crianças não mais permearam o mundo adulto, pois surgiu a necessidade de um novo lugar onde adequá-las, local este que chamaram de Infância.

A contribuição da invenção da prensa tipográfica neste sentido foi à expansão do conhecimento, pois menos de um século depois dela iniciou-se a publicação de livros de pediatria.

A sociedade tecnológica caracteriza-se por estar em constante mutação, e compreender os motivos que tornam esses movimentos acelerados é necessário, pois tanto a escola quanto a família estão envolvidas nesse movimento em que vivem que sendo impactadas pelos resultados das exigências de um conhecimento científico nelas estabelecido. O pensamento de Manacorda (1991, p.6) vem a confirmar que “[...] quanto mais a sociedade se distancia de suas origens ‘naturais’ e se torna histórica, tanto mais se torna imprescindível nela o momento educativo [...]”.

No contexto educativo e no contexto do trabalho na vida do homem, a tecnologia e o progresso mudaram sua relação com a natureza, e apontaram novos caminhos de como devemos nos relacionar com a família no sentido de manter as relações afetivas e ao mesmo tempo estar inserido no mercado de trabalho em que é explorado e levado a vender sua mão de obra pelo baixo salário dando ênfase ao processo educativo como forma de suprir os meios de produção em uma escola que muda, mas muda vagarosamente. A contribuição de Manacorda a esse respeito é notória, pois o mesmo explica que: “[...] se assim mudam a natureza e o fim da ciência, não pode deixar de mudar também a escola, isto é, o processo de formação desses novos homens. E, na realidade, muda: mudam os seus conteúdos, mudam seus próprios meios de uso cotidiano [...]” (MANACORDA, 1991, p.7-8).

Esta transformação vem a se reafirmar por Manacorda, apoiado na teoria de Marx que diz: “[...] a educação é colocada aqui, ao lado da divisão do trabalho, como causadora de unilateralidade, abrangendo, entre outras coisas, a problemática da interação entre escola e sociedade [...]” (MANACORDA, 1991, p.82).

O movimento inclui todas as mudanças e todos os processos que se produzem no universo. De acordo com o mesmo autor, sobre a categoria das relações: “As formações materiais estão em permanente interação, atuando uma sobre as outras, transformam-se reciprocamente. Na realidade todos os fenômenos estão ao mesmo tempo, ligados e isolados.” (TRIVIÑOS, 2006, p.138).

É histórico o movimento, pois da Idade Média para o modelo de família burguesa, herda-se a sociedade determinista, porque quem nascesse filho de carpinteiro, carpinteiro

seria, e quem nascesse na realeza seria sempre membro da realeza, ou seja, no feudalismo os servos eram explorados pelos senhores feudais. Mas com a ampliação do mercado comercial, quebrou-se o sistema feudal e surgiu outro para substituí-lo: o capitalismo. Pois na expansão comercial, parte da plebe se apropriou do comércio e da criação de indústria, enriquecendo. E essa ânsia por lucro contribuiu para corrupção moral da sociedade a qual Marx chama de mais valia.

Na Família burguesa é que o caráter subjetivista aparece com maior rigor, era uma sociedade que se isolava do mundo, pois mantinha relações de poder com a elite e não se misturava com o convívio natural típico no final do XVIII e em meados do século XX, nestes termos a burguesia era detentora dos meios de produção e os proletários, detentores de sua única fonte de renda: sua força de trabalho, sendo explorada pelos burgueses, tanto nas relações trabalhistas como nas relações sociais. Explorando a mão-de-obra barata como de mulheres, crianças e até mesmo das relações de promiscuidade, como no caso da prostituição.

No capítulo XVI, da obra **O capital** Marx diz que:

[...] A generalização da instrução pública permite recrutar esses assalariados de camadas sociais, antes a margem dessa possibilidade, e que estavam habituados a nível de vida mais baixo. Aumenta o fluxo de trabalhadores e em consequência a competição entre eles, por isso ressalva algumas exceções, a força de trabalho dessa gente deprecia-se com o progresso da produção capitalista; o salário cai, enquanto aumenta a capacidade de trabalho. O capitalista aumenta o número desses trabalhadores, quando se trata de realizar quantidade maior de valor e de lucro. O acréscimo desse trabalho é sempre consequência e jamais causa do aumento da mais-valia (MARX, 1989, p. 345-346).

Na divisão social do trabalho evidencia-se a formação do sujeito em uma perspectiva positivista, pois a escola forma profissionais técnicos para preencher as vagas disponíveis no mercado de trabalho. Essa concepção de caráter neoliberal vem de encontro à teoria de Marx, que pondera a educação do trabalhador como forma de libertá-lo de uma condição alienada, a qual denomina proletária, trabalhando para viver, sem perceber que está sendo explorado pelos detentores do poder.

Esse perfil de mutação social abala as estruturas dos valores feudais e a nítida separação entre família e trabalho, entre os serviços públicos e os privados e entre a escola que se torna cada vez mais dualista, tendo sempre uma para os representantes burgueses e outra para os proletários.

3 METODOLOGIA

A pesquisa, que resultou neste artigo, teve seus fundamentos organizados por uma concepção de caráter histórico dialética, necessária diante do mundo e das coisas. Para essa dimensão, partindo de uma complexa relação entre a família e a escola de Educação Infantil, valemo-nos da pesquisa qualitativa: uma abordagem minimamente fundamental no qual se encerra o nosso objeto. Para Triviños, a pesquisa qualitativa sob a dimensão marxista dirige o pesquisador a propriedades essenciais do objeto de estudo:

No marxismo, podemos entender a pesquisa qualitativa como o estudo das propriedades dos fenômenos materiais, no caso das categorias da dialética materialista, de qualidade e de quantidade, por exemplo, que estão correlacionadas, e que podem ser descritas e medidas onde porém a descrição qualitativa das propriedades é fundamental, e secundária ou auxiliar o aspecto quantitativo. (TRIVINÓS, 2006, p.18).

Nesta perspectiva optamos pelo estudo de caso no qual Chizzotti (1991, p. 102) afirma que:

O estudo de caso é uma caracterização abrangente para designar uma diversidade de pesquisas que coletam e registram dados de um caso particular ou de vários casos a fim de organizar um relatório ordenado e crítico de uma experiência, ou avaliá-la analiticamente, objetivando tomar decisões a seu respeito ou propor uma ação transformadora.

Para entender o movimento que circundam as relações entre as instituições família e escola nos apropriamos do Materialismo Histórico dialético de Marx, que contribui também para uma abstrair a realidade em suas diversas determinações e condições de manifestação. Dessa orientação, centramos em dirigir a pesquisa para apreender as correlações fundamentais que organizam a realidade da creche e da família e de como estão vinculados às relações de capital e trabalho.

Os instrumentos de pesquisa mobilizados foram: observação livre, caderno de campo, roteiros de entrevistas semi-estruturadas, os quais nos apoiaram no momento das entrevistas envolvendo os depoentes. Para escolha dos sujeitos delimitamos professores coordenação e pais/mães/responsáveis, pela criança regularmente matriculada na Instituição de Educação Infantil Municipal da cidade de Sinop.

4 PESQUISA E ANÁLISE DE DADOS

Parte da tensão que revela do conflito das famílias trabalhadoras com as relações capitalista para as quais a escola tem papel fundamental. Da escola pesquisada, a coordenadora nos dá algumas pistas das tensões:

(01) Coordenadora: O maior atrito da escola com as famílias é a questão dos horários, os dois horários quando é de chegada e quando é de saída.

A pesquisa constata que a linguagem influi na comunicação entre os sujeitos que permeiam a escola e família como nos traz a diretora da Instituição:

(02) Diretora: Nós trabalhamos num espaço de educação né, a nossa postura é importante, somos o modelo pra criança, não podemos falar palavras erradas nem falar ... num tom exagerado, a forma que nós chamamos a atenção é como a criança nos vê e no imita ... As vezes quando acontece a falta de respeito com o colega ou no caso de palavrões, nós acabamos fazendo a intervenção, explicando pra criança que não pode falar desse jeito, que não é mais pra dizer aquela palavra, mas dependendo do meio que ela vive, ela vai em casa ou na vizinhança ouvir aquela palavra ou outras né e vai reproduzir novamente, e aí é que entra o dialogo com os responsáveis.

Neste relato a intervenção educacional da escola deve ser levada a diante pelos pais/responsáveis dando continuidade a intervenção em casa, pois a escola não é o único local em que a criança pequena se apropria de regras morais e éticas, se os pais/responsáveis se dispõem a educar

Também é indispensável definir a questão que isso de separar a classe trabalhadora em trabalhador manual e trabalhador intelectual, que no caso acaba sendo referida à primeira a classe de pessoas de baixa renda e a segunda à classe média até a alta, que gera uma tensão entre a linguagem falada pela escola e a linguagem entendida pelas famílias.

A estrutura familiar encontrada nos revela que, embora todos pertençam à classe de sujeitos trabalhadores que se destituem da família para garantir a sua condição de trabalhadores, o diálogo entre família e escola aparece como sendo superficial e formal. Como aparece na fala da diretora:

(03) Diretora: temos diferentes estruturas, familiares, e de diferentes níveis sociais, crianças da cidade crianças do campo, essas crianças do campo de quatro e cinco anos já são do pré, e

vêm de ônibus, são 150 crianças no ônibus, considerando a longa distância eles, geralmente, chegam agitados na escola, principalmente no período da tarde.

Não tem como padronizar as relações da escola porque não existe um padrão de situação, mesmo porque entre a função da escola e seus sujeitos há medições contraditórias que imprimem dimensões diferentes aos seus sujeitos professores e sujeitos alunos e sujeitos família.

A tentativa de uma homogeneização institucional formal independente das efetivas relações de produção dos trabalhadores e lutas que são travadas contra eles na esfera da reprodução do capital e da manutenção dos benefícios da classe burguesa empreende as disputas inclusive do que cabe a quem e o que, da escola à família, da família a escola.

(04) Coordenadora: Aqui tem várias situações né, tem aquelas famílias que tem as crianças que tem uma boa referência, porque às vezes o pai e a mãe não precisa estar juntos para dar uma boa educação, uma boa referência para os filhos né, e daí tem aquelas crianças que convive com a mãe sendo espancada, que sofre alguma violência às vezes e a criança acaba sofrendo muito com isso né, e isso acontece com aquelas mães com a separação, elas tem às vezes um filho de cada pai, arruma outro marido apanha, a criança acaba sofrendo junto né.

Em outros casos relatados pela mesma, é notória a dificuldade de alguns pais em ir até a escola:

(05) Coordenadora: Esses pais de chácaras e fazendas é bem difícil eles até virem na unidade por causa da condução eles tem que vir de ônibus, agora o ônibus só ta trazendo quando realmente quando o pai tem alguma reunião, eles tem que apresentar o bilhete assinado pela direção da escola para o motorista trazê-lo senão só as crianças uniformizadas com carteirinhas.

De fato, encontramos fatores na pesquisa que parecem serem comuns no sistema público de ensino que dificultam a comunicação dos pais com a instituição, como relata Paro (2000, p. 69): “A dificuldade de comunicação encontra-se, sim, em condições objetivas da vida dos pais e responsáveis pelos alunos em geral, para quem falta tempo e, em certa medida, até condições de compreender a linguagem da escola [...]”. No caso das reuniões são formais, como poderemos afirmar analisando o depoimento do pai:

(6) Pai: Aqui na creche participam sim das reuniões, mas eles não se manifestam, mais escutam do que falam, vêm bastantes pais.

Como podemos observar há aqueles pais que freqüentam as reuniões mesmo conforme a distância há aqueles que freqüentam a escola todos os dias e são interessados em acompanhar o desenvolvimento processual do seu filho, e há aqueles que não participam. como relata à coordenadora:

(07) Coordenadora: Eles participam né, quando chamamos eles vem, é mandado bilhete quando a gente não consegue ligar, mando bilhete quando tem alguma reunião. Tem um ou outro caso que os pais se recusam a buscar a criança quando passa mal, acontece aqui. Teve dois pais que aconteceu isso, que a criança passando mal e que a gente liga e eles falam que não podem fazer nada.

Nesse caso a escola assume o papel de pai/responsável/família, porque prestar socorro à criança no momento em que passa mal é obrigação da escola, mas não se pode, por isso, anular a responsabilidade parental no acompanhamento do menor ao atendimento médico, mesmo que alguém da instituição ou da secretaria de educação já esteja tomando esta iniciativa, principalmente porque deixar de socorrê-la é crime, e caracteriza-se como abandono de incapaz.

5 CONCLUSÃO

Nas leituras da realidade pesquisada sobre a Instituição de Educação Infantil, percebemos os interesses nas relações entre capital e trabalho. Interesses políticos, nas relações de poder que vem de cima para baixo, pressionando a escola que está inserida em uma macro-estrutura; interesses coletivos em que a gestão escolar (coordenação e direção) se reúne para falar da criança, com os pais; interesses particulares dos pais em proporcionar ao seu filho um ambiente pedagógico favorável ao seu desenvolvimento, e em manter sua sobrevivência conforme o mercado exige.

A visão da realidade social encontrada nos permitiu, em certa medida, uma percepção das relações entre os sujeitos e a localização da instituição, por ser afastado das moradias da comunidade, torna um fator que dificultam a participação mais efetiva da família que habitam em chácaras e fazendas, pois aqueles que têm um veículo para se deslocar até a unidade,

participam, já aqueles que não têm como se deslocar do campo para cidade, ou de bairros afastados, é um fator que condiciona e dificulta a participação da família.

THE INFANT EDUCATION AND THE FAMILY

ABSTRACT¹

The aim of this paper is to discuss the integration between the school and the family on the perspective of infant education with children between zero and five years old. To achieve the proposal aims this work was based on the qualitative research with historical-dialectical characteristics in the perspective of Case Study. The main organizing concepts of this research are: work, social class and education. The conclusion of this research is that the school and the family are institutions historically produced that made us ask some reflexive questions from the subjects that actualize the institutions and how they are affected by the exploration of the capital/work.

Keywords: Work. Infant Education. Family. Case Study. Marx.

REFERÊNCIAS

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 1991.

COORDENADORA. **Coordenadora:** depoimento. [15 maio 2013]. Entrevistadora: Ana Paula Néia. Sinop, MT, 2013. 1 Roteiro para entrevista semi-estruturada. Entrevista concedida para monografia A Educação Infantil e a Família. Câmera digital Sony.

DIRETORA. **Diretora:** depoimento. [15 maio 2013]. Entrevistadora: Ana Paula Néia. Sinop, MT, 2013. 1 Roteiro para entrevista semi-estruturada. Entrevista concedida para monografia A Relação Família e Escola. Caderno de campo.

KARL. Marx. **O Capital: Crítica da economia política: O processo Global de Produção Capitalista**. 13. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil/S.A. 1989.

MANACORDA. Mário Alighiero. **Marx e a pedagogia Moderna**. São Paulo: Cortez: 1991.

PAI. **Pai:** depoimento. [04 abr. 2013]. Entrevistadora: Ana Paula Néia. Sinop, MT, 2013. 1 Roteiro para entrevista semi-estruturada. Entrevista concedida para monografia A Educação Infantil e a Família. Caderno de campo.

¹ Traduzido pela professora Juliana Freitag Schweikart (CRLE – Revista **Eventos Pedagógicos**).

POSTMAN, Neil. **O desaparecimento da infância**. Rio de Janeiro: Grafia, 1999.

TRIVIÑOS. Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

_____. **Introdução ao método Dialético na pesquisa em Ciências Sociais**. Porto Alegre. Agosto de 2006.